

ANIELLE
FRANCO

MINHA IRMÃ E EU

Diário, memórias
e conversas sobre Marielle

 Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO - VENDA PROIBIDA

ANIELLE FRANCO

MINHA IRMÃ E EU

Diário, memórias
e conversas sobre Marielle



Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Copyright © Anielle Franco, 2022
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2022
Todos os direitos reservados.

Preparação: Alanne Maria

Revisão: Elisa Martins e Caroline Silva

Projeto gráfico e diagramação: Negrito Produção Editorial

Ilustrações de miolo: Fabio Oliveira

Fotografias de miolo: Arquivo pessoal

Capa e ilustração de capa: Filipa Damião Pinto | Foresti Design

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Franco, Anielle

Minha irmã e eu: diário, memórias e conversas sobre Marielle /
Anielle Franco. – São Paulo: Planeta do Brasil, 2022.
160 p.; il.

ISBN 978-85-422-1956-2

1. Franco, Anielle – Memória autobiográfica 2. Franco, Marielle –
1979-2018 I. Título

22-5564

CDD 929

Índice para catálogo sistemático:

1. Franco, Anielle – Memória autobiográfica

Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2022

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.

Rua Bela Cintra, 986, 4º andar – Consolação
São Paulo – SP – 01415-002

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Sumário



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Prefácio – Marielle presente e
semente 9
Apresentação – O luto na luta 13

2018

Não pode ser 17
Sua força, nossa força 21
E se estivéssemos lá? 23
Quantas Marielles? 25
Incondicionalmente 27
O Lula ligou 29
Franciscos 31
Apagamentos 33
Medo 35
Quem era você? 37
Comoção mundial 39
Meu dia sem você 41
No primeiro sonho, o “Papó
Franco” 47
Mês de festa. Em luto 49
Suas leis 51
Desrespeito 53
Covardias 55
Estação Primeira 57
Maracanã 59
Ele está chegando! 61
A abusada e a medrosa 63
Seu livro 65
O primeiro Natal 67

2019

Suas roupas 69
A medida do luto 71
Vila Isabel 73
Não serei interrompida 75
A prisão 79
Um ano 81
Você está em Paris 83
Páscoa 85

Lacrada 87
Meu presente: você presente 89
Funk e fé 91
Angela Davis 93
O jogo que a gente não jogou 95
Garota do clipe 97
Três filhas 99

2020

A raiva como motor 101
Saudade de um glitter 103
Um mar de revolta 105
Salve, Jorge! 107
Quantos mais? 109
Saudade da gente 111
Eloah, sua sobrinha 113
Sementes 115
Taís Araújo 117
Antonio Francisco 119

2021

Escrevivências 121
Nossa placa luminosa 123
Roda Viva 125
Minha amiga bell hooks 127
Marinetinha e a despedida 129

2022

Boric 131
Sem respostas 133
A dor no peito de mainha 135
Francia Márquez 137
Aniversário 139
Não nos deixam respirar 141
Alguém tem que responder 143

Notas 145
Agradecimentos 149
Fotos 152

Não pode ser

Eu estava deitada com Mariah, no terraço de casa, quando o telefone tocou.

Era uma amiga, e nada do que ela dizia fazia sentido. Era tudo confuso. Não sei se ela não conseguia dizer o que queria ou se eu não queria entender o que ouvia. Mas fiz o que ela mandou: acessei um site de notícias e o inacreditável estava lá.

Desci correndo as escadas da sala e encontrei Luyara, nosso pai e nossa mãe em estado de choque. Painho estava catatônico, emudecido. Ali, pensei que perderia todos eles. Luy e mainha se debatiam no chão. O pânico, o choro e os gritos de desespero ecoavam dentro da minha alma. Eu só queria te encontrar e entender o que estava acontecendo.

No meio daquele inferno, alguém telefonou pedindo que um de nós fosse ao centro da cidade, onde tinham te encontrado. Olhei para nossos pais e para sua filha e entendi que aquela missão

era minha. Talvez tenha sido naquele momento que compreendi – mesmo sem racionalizar – que precisaria transformar meu luto em luta.

Foi o pai de Mariah quem me levou ao Centro. Chegando lá, fui impedida de passar pelo cordão de isolamento, mas eu pude te ver. Sua bolsa azul e seus óculos estavam no chão. Sua mão estava para fora do carro. Seu sangue, *nosso sangue*, pingava no chão.

Senti um choque; depois, muito frio.

Me lembrei de sua mão quente segurando a minha quando estava parindo. Lembrei que você a segurava toda vez que eu era tomada pelo medo. O sentimento de vê-la e não poder tocá-la me atravessou como faca amolada.

Voltei à nossa casa e assistimos à tempestade que tomou conta do Rio de Janeiro naquela noite. O rajar dos ventos, a força das águas, o clarão dos raios e o barulho dos trovões protestavam contra a sua partida.

Os olhos de nossos pais queimavam de tanto chorar. Mariah, meu bebê, gritou, dormindo, seu nome. Meu espanto foi tanto que nem consegui chorar. Eu só olhava fixamente para ela e escutava o barulho incessante da chuva.

Nas primeiras horas da manhã, eu estava pronta para ir ao Instituto Médico Legal. O noticiário contava treze tiros contra o seu carro, cinco na sua cabeça. Eu vi os tiros. Vi você, minha irmã mais velha, um mulherão, deitada e sem vida em uma maca fria. Acertaram o seu rosto e

apagaram o seu sorriso. Quem teria motivo para apertar o gatilho contra você? Quem, Mari?

Do lado de fora, eu e Ágatha, esposa do Anderson, também assassinado enquanto dirigia o carro em que vocês estavam, fomos abordadas por um batalhão de jornalistas. Falamos que vocês eram mãe e pai.

Ágatha e Anderson tinham o pequeno Arthur. Ela falou da condição congênita rara de seu filho e da luta diária dela e do Anderson. Falou como seria difícil seguir sem ele. Você tinha a Luyara. E, na hora, foi o que me veio à cabeça. Falei que tinham matado uma mãe e deixado outra sem a filha primogênita. Falei que mataram a minha irmã e que você não merecia isso, que a nossa família não merecia isso.

À tarde, quando o velório começou, o tempo havia parado de correr. Parecia que eu estava acordada havia dias; o olho embaçado, o sangue gelado. Seu nome estava em todos os jornais. Mataram uma vereadora – e eu ainda não tinha notado que a minha dor era a de milhares de pessoas que elegeram você.

Ficamos no segundo andar da Câmara de Vereadores. E, enquanto traziam seu corpo silenciado dentro do caixão, o padre nos chamou. Nossa mãe estava inconsolável. Então ele parou e pediu que olhássemos pela janela e víssemos a comoção que você tinha causado.

A Cinelândia, que cruzamos tantas vezes atrás de blocos de Carnaval, estava lotada. Milhares de

14 de março de 2018

peçoas gritavam o seu nome, diziam que você estava viva, que você estava presente.

Elas pediam justiça por você, Mari. Pediam justiça por Marielle Franco.



Sua força, nossa força

Maquiamos bem o seu rosto para esconder os tiros. Queríamos apagar as marcas do ódio deles.

Vestimos você com um de seus vestidos de estampa africana favoritos. Ele era cor coral. O mesmo tom do turbante que usamos para envolver o seu cabelo. Seus olhos estavam fechados, e você continuava linda.

Ao me despedir à força, me lembrei de algo que você me disse por mensagem de texto um dia antes da tragédia. Falávamos um pouco de tudo, de nossos relacionamentos, das demandas da rotina e do futuro. Você pediu que eu não me esquecesse da força que habitava em mim.

Lembrei que pouco antes do atentado, ali mesmo na Casa das Pretas,⁵ você havia dito algo parecido a outras jovens negras. Na fala, você citou Audre Lorde:⁶ “Não serei livre enquanto outra mulher for prisioneira, mesmo que as correntes dela sejam diferentes das minhas”.⁷

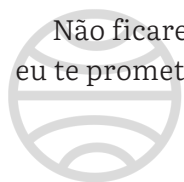
15 de março de 2018

Na saída do encontro, você convocou as meninas à luta: “Vamo que vamo. Vamo junto ocupar tudo”.

Enquanto escrevo essas lembranças doídas, retomo Lorde para voltar a você:

Escrevo sobretudo para aquelas mulheres que não falam, que não verbalizam, porque elas, nós, estamos aterrorizadas, porque fomos ensinadas a respeitar mais o medo que a nós mesmas. Fomos ensinadas a respeitar nossos medos, mas devemos aprender a nos respeitar e a respeitar nossas necessidades.⁸

Não ficarei em silêncio, irmã. Terei coragem, eu te prometo.



Planeta